

«A PIEDADE NÃO É PIEGAS» (PADRE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR): ENTRE A AUTODIEGESE E UMA "HAGIOGRAFIA INCARNADA"

LUÍS LEAL

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA/
CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA RELIGIOSA, PORTUGAL (UCP-CEHR)

lleal@porto.ucp.pt

RESUMO: Visa o presente estudo apresentar algumas coordenadas essenciais para uma abordagem preliminar ao conceito e compreensão do fenómeno da santidade nos escritos de Padre Américo Monteiro de Aguiar (Penafiel, 23 de outubro de 1887 – Porto, 16 de julho de 1956). Para tal, e de modo a evidenciar o carácter “autodiegético” da “hagiografia” a que o título aponta, começa-se por apresentar algumas considerações sobre o *corpus* literário-teológico em questão, sublinhando a índole profundamente autobiográfica do mesmo. Num segundo e central momento do estudo é analisada a multiplicidade conceptual em torno da santidade que se nos torna patente a partir da análise dos ditos escritos. Neste contexto, ganham evidência o peculiar horizonte de compreensão que Padre Américo apresenta para a análise de tal fenómeno, a multifacetada construção terminológica por ele utilizada para o descrever e, por fim, o cariz “exemplar” que certas concretizações do mesmo adquirem à hora de assimilarmos as respetivas dinâmicas e processos. Em conclusão, esta visão da santidade evidenciada pelo Autor é compaginada quer com a sua própria (auto)biografia quer com a visão hagiográfica de outros autores seus coetâneos, apontando-se, assim, outras tantas hipóteses de análises comparativas igualmente enriquecedoras para a compreensão quer do conceito quer do fenómeno da santidade no século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Santidade; hagiografia; espiritualidade; piedade; autobiografia; século XX.

ABSTRACT: The present study aims to present some essential coordinates for a preliminary approach to the concept and understanding of the phenomenon of holiness in the writings of Padre Américo Monteiro de Aguiar (Penafiel, October 23, 1887 - Porto, July 16, 1956). To this end, and in order to highlight the “autodiegetic” dimension of the “hagiography” to which the title points, we begin by presenting some considerations about the literary-theological corpus in question, emphasizing its profoundly autobiographical character. In a second and central moment of the study, the conceptual multiplicity around the sanctity

that becomes evident from the analysis of the said writings is inspected. In this context, the peculiar horizon of understanding that Padre Américo presents for the analysis of such phenomenon and the multifaceted terminological construction used by him to describe it gain evidence. Finally, the "exemplary" character that certain embodiments acquire at the time of assimilate the respective dynamics and processes of sanctity is presented. In conclusion, this view of sanctity evidenced by the Author is combined with his (self)biography and with the hagiographic view of other contemporary authors, pointing out, therefore, as many hypotheses of comparative analyzes, equally enriching for the understanding both the concept and the phenomenon of holiness in the 20th century.

KEYWORDS: Holiness; hagiography; spirituality; piety; biography; 20th century.

Palavra introdutória

Resultam as seguintes linhas da adaptação daquelas notas que enformaram uma comunicação de título similar, apresentada na Jornada de Estudos "A Hagiografia antes e depois de Trento" (Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 10 de janeiro de 2020), organizada pelo Grupo de Investigação "Sociabilidades e Práticas Religiosas" do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» da Universidade do Porto (CITCEM-UP). Então como agora, o móbil que orienta esta reflexão não se confunde com um qualquer exercício apologético da figura-personagem cujo pensamento-obra se analisa¹. Em boa verdade, a perspetiva aqui adotada é, no mínimo, radicalmente diversa: será partindo dos textos de que Padre Américo Monteiro de Aguiar (Penafiel, 23 de outubro de 1887 – Porto, 16 de julho de 1956) é autor que se tentará neles intuir as marcas de um discurso em torno da santidade enquanto tema-conceito passível de estudo e debate, nunca de "pedestal" onde poderíamos desejar colocar o autor aqui estudado.

Assim, e sublinhando esta especificidade metodológica aqui adotada, esta é uma proposta de leitura que não oblitera o profundo carácter autobiográfico (embora pouco ou nada autoreferencial) destes escritos; pelo contrário, é (também) a partir desse dado que se pretende, com esta análise, valorizar todo

¹ Está, de facto, na sua "última etapa", o processo de canonização de Padre Américo Monteiro de Aguiar, agora que (a 10 de dezembro de 2019) o Vaticano reconheceu oficialmente as suas "virtudes heróicas", declarando-o "venerável". Para a sua beatificação, falta ainda a verificação e reconhecimento oficial de um milagre que seja atribuído à sua intercessão; contudo, não concorrem estas linhas (nem nenhum dos nossos anteriores estudos) para tal processo.

este "tecido textual" enquanto "fonte", "expressão" e "resultado" da "vivência" (também espiritual) do seu autor, dimensões/variáveis que aqui são tomadas concomitantemente e que, em nosso entender, constituem razão mais que válida para a sua consideração no debate em torno do conceito, expressões e vivência(s) da santidade no século XX.

1. Das fontes e dos múltiplos sabores das suas águas

1.1. Algumas considerações sobre a escrita de Padre Américo

1.1.1. Uma "sistemática a-sistematicidade": dificuldade ou riqueza?

Antes de adentrar na análise atrás sugerida, impõe-se fazer uma observação prévia no que respeita quer às fontes disponíveis quer à própria *forma mentis* do autor, uma observação que, simplificando, poderia ser resumida do seguinte modo: Padre Américo Monteiro de Aguiar revela-se-nos como um autor que não apresenta uma definição "precisa e acabada" (sistemática, portanto) nem para este nem para qualquer outro "conceito" que possamos eleger como tema de pesquisa no quadro do seu pensamento. Autor-sujeito de um pensamento que já definimos como "a-sistemático"², a sua é uma escrita densamente "coetânea" ao seu viver-agir pedagógico-social³. Consequentemente, o seu pensamento, em vez de nos surgir articulado em registo "manualístico" (e ainda menos em forma neotomista, em cujos compêndios estudou⁴), aparece-nos antes "atravessado" por um fortíssimo *élan* vital-existencial: é da vida, da sua e das vidas daqueles com quem se cruzou, com especial destaque para os "rapazes da rua" e os pobres dos "Barredos" (geográficos, sociais e existenciais) do seu Portugal e a cuja salvação/libertação dirigiu todos os seus esforços e projetos que os seus textos sumamente nos "falam". É, portanto, neste plano muito particular que se

² LEAL, Luís - *Padre Américo Monteiro de Aguiar: Um "teólogo da ação" no Portugal contemporâneo*, 1ª ed. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2019, p. 33-34.

³ Convirá recordar que a sua obra literária se resume, *grosso modo*, a artigos por si escritos e publicados no quinzenário *O Gaiato*, por si fundado em 5 de março de 1944, e que depois foram sendo compilados em livro, perfazendo atualmente um total de 17 volumes, cuja publicação e distribuição esteve desde sempre a cargo da Editorial da Casa do Gaiato, igualmente por ele fundada.

⁴ Devemos a Ernesto Candéias Martins o registo de que, enquanto aluno do Seminário de Coimbra, Américo «estudou os dois volumes de *'Elementos de Filosofia'* (publicados em Coimbra, em 1894) de Monsenhor T. Sinibaldi, e os volumes da neo-escolástica do Cardeal Mercier [refere-se aqui o autor aos seis volumes do *'Curso de Philosophia - Ontologia ou Metaphisica Geral'*, traduzido por Pedro Maria Dantas Pereira, 1904]». - MARTINS, Ernesto Candéias - *Amor, Mediação e Acção. Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, 1ª ed. Coimbra: Palimage, 2009, p. 56.

compreende a vertente “autodiegética” a que o título da presente reflexão remete: a ser possível (e as seguintes afirmações/intuições são uma primeira resposta positiva a esta possibilidade) uma reconstrução de um “conceito” (ainda que aproximado) de “santidade” a partir da análise dos seus escritos, tal conceito só poderá ser, por conseguinte, encontrado e compreendido enquanto secção não-sistematizada da referida “hagiografia incarnada” em que consiste – em nosso entender – a sua reflexão em torno de tal questão/conceito. Assim, o que neste momento se poderia considerar uma “lacuna” das “fontes”, entendemos que esta “circunstância original e originante” destes textos constitui antes uma das suas maiores “riquezas” e “potencialidades”. Estamos, pois, metodologicamente próximos da “retórica da santidade” proposta e aprofundada por Patrick Geary⁵ e Norma Durán⁶, nomeadamente quando estes autores nos instigam, por respeito às ditas fontes e à “psicografia” dos autores que elegemos, a esse constante “vai-e-ven” entre diacronia e sincronia de tempos, espaços e “contornos” nos quais tal “ideia-conceito” de santidade vai sendo “entretecida”. O que aqui se segue, portanto, é um primeiro esboço (com certeza inacabado e sempre discutível) de tal tentativa de compreensão.

1.1.2. Entre auto e hétero diegesis hagiográfica: «o escritor não diz só o que escreve, diz, também, o que é»⁷

Analisar os escritos de Padre Américo sob o paradigma interpretativo aqui eleito requer então, e desde logo, uma particular atenção e alguns cuidados especiais, se quisermos ser fiéis não só à “letra” mas também e sobretudo ao “espírito” dos mesmos. Assim, e na sequência da ressalva feita anteriormente quanto à “a-sistematicidade” da sua escrita, será extremamente útil mantermos como horizonte hermenêutico das suas afirmações (sobretudo aquelas em que ele parece estabelecer uma espécie de “diálogo consigo mesmo”, como quem “escreve em voz alta”) quer a afirmação aqui citada no título do presente apartado, quer uma outra, mais longa e ainda mais incisiva no que respeita ao tema aqui em debate:

Um biógrafo de João Bosco disse da sua vida, sintetizando, que ela tinha sido uma permanente corrida ò dinheiro. Se este predicado fosse matéria

⁵ GEARY, Patrick Joseph - *Saints, scholars, and society: the elusive goal*. In *Saints. Studies in Hagiography*. Ithaca, N.Y: Cornell University Press, 1994, p. 1-22.

⁶ ARANA, Norma Durán Rodríguez - *Retórica de la santidad. Renuncia, culpa y subjetividad en un caso novohispano*. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2008, p. 126-132.

⁷ JUNÍPERO, Frei - *Vantagens da Gazeta*. «Lume Novo», n.º 1 (8 de dezembro de 1926) Apud «O Gaiato», Ano XIII, n.º 358 (30 de novembro de 1957), p. 1.

*bastante de canonizações, também eu havia de ser canonizado. Mas não. Não são as coisas que se sabem dos homens de Deus, que os levam à glória dos altares. O melhor não se sabe. Eles não o disseram. Por isso é que, por muito que os autores digam, são sempre incompletas as Vidas dos Santos*⁸.

Não sendo inócua esta referência a S. João Bosco (tal é a afinidade que se pode estabelecer entre as biografias e propósitos vocacionais/sociais de ambas as personagens), também não será certamente abusivo reconhecer nesta associação de Padre Américo uma evocação das palavras do apóstolo S. Paulo na sua *Carta aos Colossenses*, onde é dito que «a vida [dos que foram ressuscitados em Cristo] está escondida com Cristo em Deus» (Cfr. *Col* 3, 1.3)⁹. Mas, se quisermos perceber melhor o alcance desta ideia assim formulada, talvez seja útil recorrer a uma reflexão do frade dominicano e ensaísta José Augusto Mourão justamente intitulada "O Santo é Invisível":

*Nunca houve quem visse um santo. Porque o santo é invisível por princípio e em direito. Quem o poderia ver em pessoa, se ninguém o pode reconhecer como tal? Dizer de alguém que é santo é saber o que é a "santidade", depois de ter disso uma experiência directa e poder atribuir-lhe a qualidade significada. [...] Os santos "são vistos por Deus e os anjos, não pelos corpos nem pelos espíritos curiosos. Só Deus lhes basta" (Pensées, §308). Os santos são invisíveis a tudo o que não pertence à santidade, como os sábios e os pensadores são invisíveis ao mundo da carne [...]*¹⁰.

Conjugadas as duas afirmações, somos imediatamente levados a concluir que a escrita de Padre Américo anula qualquer perigo de "concordismo" apologético-hagiográfico, perigo tão comum em que incorrem não raros (e mesmo bons) autores de ontem como de hoje¹¹.

Assim, ao relatar (ainda que de forma autobiográfica) uma (só aparente)

⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de - *De como eu fui... Crónicas de viagem*, 4ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1987, p. 59-60.

⁹ Não poderemos nunca ignorar nem iludir que as Escrituras Sagradas (particularmente o Novo Testamento) têm, nos seus escritos, amplos e poderosos ecos, a tal ponto de, não raras vezes, as citações bíblicas neles presentes se encontrarem como que "simbioticamente destiladas" no seu próprio dizer/escrever. Neste sentido, o texto bíblico é, para Padre Américo, não só "fonte de inspiração" mas antes (e sobretudo) uma "trama" com que permanentemente o próprio Autor dialoga e confronta, a si mesmo e ao mundo em que se inscreve. Eis a razão pela qual regista(re)mos, nesta reflexão, tais correlações que os próprios textos nos suscitam.

¹⁰ MOURÃO, José Augusto - *Obra Seleta de José Augusto Mourão. O Vento e o Fogo. A Palavra e o Sopro. O Espelho e o Eco*, 1ª ed. Lisboa: INCM - Universidade Aberta - CIDH, 2017, p. 1459-1450.

¹¹ Para evitar tais perigos, talvez seja recomendável ter sempre presentes as pertinentes recomendações de ROSA, Maria de Lurdes - "*Fazer História*"... para "*fazer santos*": uma impossível compatibilidade. «Lusitania Sacra», II série, vol. 12 (2000), p. 444ss.

"mesmice quotidiana" feita das suas "idas e vindas" pelas ruas das cidades e respetivos "Barredos" sociais e existenciais dos seus mais esquecidos habitantes, não é nunca por um qualquer afã ou vaidade que abraça tal empresa: é antes para revelar, aos olhos dos leitores do seu jornal *O Gaiato*¹² a realidade (escondida... ou esquecida?) de uma franja muito particular da sociedade do seu tempo – a dos pobres, aqueles que eram dramaticamente apelidados de «"Lixo" das ruas»¹³. Não deixando de ter e manifestar o ideal da santidade como o seu mais profundo desejo («pudera eu santificar-me nesta vida que elegi por graça de Deus»¹⁴), não é nenhum instinto de vanglória que o motiva. Aliás, a autoconsciência das suas debilidades (e da possibilidade de se deixar enlevar por uma qualquer *vanitas*) é deveras evidente nas suas *ipsisima verba*:

Não é por mal, sim, mas eu sinto que me não faz bem nenhum o elogio escrito e falado à minha pessoa, de quem dizem cobras e lagartos nos caminhos, nos salões, nos comboios, nas gazetas, no púlpito e no altar.

*Tenho de me agarrar com unhas e dentes àquilo que 'realmente' sou e que 'na verdade' valho; tenho de admirar com sincera convicção os que no mundo realizam mais e melhor; e, tenho, finalmente de tomar como dirigida a mim a palavra quente do Apóstolo: – "que tens tu, oh homem, que não hajas recebido de Deus?" – e colocar-me no meu posto, com dignidade*¹⁵.

É, aliás, ao comentar os tão positivos encómios que muitos lhe dirigem, sobretudo reconhecendo as suas (para nós igualmente evidentes) capacidades literárias, que Padre Américo, sem qualquer falsa modéstia, nos explica (explicando-se a si mesmo) como entende tal "inspiração":

Costumo ser muito gabado pelos meus dotes (dizem) de escritor. Até de

¹² De seu título completo *O Gaiato, obra de rapazes para rapazes por rapazes*, trata-se de um jornal fundado por Padre Américo Monteiro de Aguiar de distribuição gratuita, periodicidade quinzenal e em publicação desde 5 de março de 1944. O seu fundador apresenta-o ora como «um púlpito» (AGUIAR, Américo Monteiro de – *Doutrina*. Vol. 1, 2ª edição aumentada. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974, p. 171) a partir do qual ele transmite a vida quotidiana dos seus "Rapazes" e a evolução da sua Obra, ora como «alimento das almas, livro de horas, mensageiro da Eternidade» – IDEM – *O nosso Jornal*. «O Gaiato», Ano II, nº 52 (23 de fevereiro de 1946), p. 4. Na sequência de um projeto de investigação realizado no Centro de Estudos de História Religiosa (cfr. informações disponíveis em <<http://portal.cehr.ft.lisboa.ucp.pt/PadreAmerico/>> [Consulta realizada em 31/08/2020]), a Obra da Rua disponibiliza hoje, na sua página da internet, uma versão digitalizada da edição impressa (bem como uma edição digital) do mesmo - ver <<https://www.obradarua.pt/servicos2/>> [Consulta realizada em 31/08/2020].

¹³ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 4, 1ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1984, p. 316.

¹⁴ *Ibidem*, p. 315.

¹⁵ IDEM - *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 3, 4ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1999, p. 176.

*uma vez, em certo grupo, aonde estava sendo zurzido com entusiasmo, foi-me concedido, ao menos, um título. 'Tem habilidade para escrever'. Ora a verdade é que eu nunca dei fê de tal. As coisas saem-me da pena como o leite do peito das mães que amamentam. Os filhos é que o puxam*¹⁶.

Ciente, portanto, das suas capacidades, mas sobretudo das suas fraquezas, o Autor revela uma aguda inteligência (poderíamos mesmo dizer "sabedoria"), alicerçada num perfil biográfico extremamente rico e multifacetado, quer antes quer depois da sua ordenação presbiteral¹⁷. Esta é, de facto, uma inteligência sobremaneira sensível e arguta à hora de analisar e compreender o significado profundo dos acontecimentos, e que se revela também na forma "jocosa" como no-los descreve:

De uma vez, era eu um humilde pregador de aldeia quando recebi convite do juiz da confraria de certa vila para ir ali pregar. Esfreguei as mãos de contente e disse logo que sim. Pregar numa vila era caminho certo para chegar às cidades. Comecei a estudar. Porém, qual não foi a minha angústia ao tomar conhecimento do veto do pároco: "Que não. Esse padre não sabe nada". Hoje, estou eu vingado e ele castigado. Mas nem por isso deixo de querer mal ao veto.

Saio da Emissora e passo na Baixa a caminho do hotel. Ia a saborear a glória de ter falado na Emissora e de ir falar amanhã na igreja de Fátima. Nisto, sai uma voz escarninha de um grupo de rapazes:

- Anda lá meu santinho!

*- Ora toma!, disse eu com os meus botões. Aí tens a tua glória escarnecida*¹⁸.

Neste sentido, talvez seja sintomático deste *modus essendi* que, de todos os projetos que o Autor teve em mãos, apenas um parece não ter sido efetivamente capaz de concluir: a escrita da sua autobiografia, por ele próprio definida como

Outro brevíário. Por isso o seu formato será de algibeira. Há-de chamar-se 'de como eu subi ao altar'. Aquele eu é de apagar. Não é um pronome pessoal da primeira pessoa do singular, como as gramáticas ensinam. É simples sinal indicativo do poder maravilhoso de Deus. Assim como eu,

¹⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Mais uma carta*. «O Gaiato», Ano III, n.º 64 (10 de agosto de 1946), p. 2.

¹⁷ A primeira parte desse percurso vital aparece-nos profunda e profusamente apresentada e fundamentada em MENDES, Manuel - *Padre Américo. Itinerário Vocacional*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 2014.

¹⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de - *De como eu fui...*, p. 138-139.

*podia ter sido outro. Todo o meu mérito está em compreender e reconhecer esta verdade simples. Aqui o equilíbrio*¹⁹.

Contudo, este será um “falhanço” que o próprio justifica dizendo que «É o “Eu”. Sinto dificuldade. Encalho. Emperro»²⁰. Ficamos, assim, mais pobres por não nos ser jamais dado a ler e a conhecer essa espécie de “autopsicografia” de Padre Américo. De facto, ele manifesta, a dado momento, tal vontade, aguardando o melhor ensejo para que a “obra nasça”, pois que o homem já há muito a sonhava. Porém, lido tudo o que nos legou, e mesmo admitindo a falta que essa “pincelada” faz ao “quadro” da sua figura que gostaríamos de poder pintar, não se poderá concluir daí que esse seria apenas mais um elemento, mais um “capítulo”, “ensaio” ou “intróito” para a sua “hagiografia”. De facto, é uma vez mais nos seus escritos que encontramos as “provas materiais” de tal afirmação. Eis como Padre Américo vê a sua própria missão no mundo, tão perfeitamente enquadrada com esta perspetiva: «Eu tenho que não há nada no mundo mais santo do que consolar almas. É a missão divina dos mortais, ensinada e comunicada por Cristo Jesus»²¹. Neste contexto, toda a sua biografia, auto ou heterodiegeticamente (re)construída e entendida, transforma-se em expressão dessa permanente consciência da sua missão e das consequências que esta comporta:

O Povo persegue-me naquelas paragens. Sou mirado e remirado. Homens, mulheres, crianças — tudo espreita; a pontos que ontem, em plena rua, fiz paragens, levantei a voz e declarei que não poderia tornar àqueles sítios por via dos reparos de tanta gente. E disse e disse e disse.

No meio do grupo destacava-se um homem novo, alto e loiro, que chorava como uma criança e responde, por entre soluços: “Venha. Venha sempre. Padre. Venha-nos ver, Padre. A nossa alegria é que nos faz vir atrás de si”.

Afasto-me e o grupo dispersa. Fico sozinho com os meus botões a ruminar coisas interiores. Verifico com muita dor que se repare e se admire o trivial.

Que um Padre, na missão que lhe é natural, seja apontado a dedo e ande na boca de toda a gente; e parece-me ver nisto um pequenino descrédito. Mais. Se tal acontecesse por eu ir às “Ateneias” à hora alta do chá, estaria muito certo. Era sinal de compreensão e de equilíbrio moral. Mas não. Não é assim. Julga-se que fora do Altar o Padre é um homem como os mais

¹⁹ IDEM - *Os nossos livros*. «O Gaiato», Ano IX, n.º 220 (2 de agosto de 1952), p. 2.

²⁰ IDEM - *Viagens*. 2ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1973, p. 191.

²¹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *De como eu fui...*, p. 127-128.

*e que pode ir a toda a parte aonde vão os outros homens. Ninguém repara. Ninguém aponta. Ninguém se admira. Só no Barredo é que não*²².

Uma vez mais se torna aqui patente uma das ideias fundamentais para a compreensão da sua (auto)biografia, obra e legado: a sua mundividência cristã, profundamente “incarnacional” e “incarnada”, quer dizer, concebendo a identidade e missão – do cristão, em primeiro lugar, e por consequência e maior força de razão, a do padre – como necessariamente enxertada no mundo e na História, feito de tempos e espaços concretos, tornando impossível uma qualquer *fuga mundi* como caminho de ascese. Apesar de ser filho de um tempo marcado por uma espiritualidade fortemente devocionista e individualista, Américo Monteiro de Aguiar faz a opção por uma radicalidade evangélica (e) profundamente “incarnada”, tornando-se, assim, «um sacerdote diferente, não alinhado com a mediocridade e comodismo de certos padres nas paróquias. [...] por isso, admitimos que foi um místico da caridade sendo venerado pelos ‘gaiatos’ e pelo povo como santo (‘vox populi’)²³. Assim, ele foi, efetivamente e antes de tudo, um cristão e um Padre «a cem por cento», em relação ao qual

*Não vale, porque é falsa e mal intencionada, a insinuação [...] de que [Padre Américo] era, simplesmente e por índole natural, uma pessoa extremamente bondosa, atormentada pelo sofrimento dos pobres como ninguém no seu tempo; [e que] acontecera de envergar uma batina que lhe permitia dizer impunemente coisas duras aos grandes deste mundo; mas [que] os problemas da Igreja a do Reino de Deus não eram contas do seu rosário. Contra tal tentativa de quase laicização do Pe Américo gritam todas as palavras que saíram da sua boca ou escorreram da sua pena*²⁴.

Como magistralmente haveria de resumir D. António Ferreira Gomes, na celebração das exéquias do trigésimo dia do seu falecimento:

[...] O apóstolo dos tugúrios, o criador da Obra da Rua, do Património dos Pobres e do Calvário, foi grande no amor do próximo porque foi grande no amor de Deus. É das Tábuas da Lei, que não podem ser invertidas nem convertidas. O sacerdócio foi para ele a grande opção vital, a eleição decisiva:

²² IDEM - *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*, 2ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974, p. 49–50.

²³ MARTINS, Ernesto Candeias - *Padre Américo. Uma vida cheia de espiritualidade*. «Estudos N. S.», n.º 6 (2006), p. 265.

²⁴ SOARES, Pe. Avelino - *Facetas de uma vida*. «O Gaiato», Ano XIV, n.º 340 (16 de março de 1957), p. 1.4.

tudo o mais, nem sequer pensado nesse momento, veio depois por acréscimo e como simples aplicação dum espírito aurido no Sacerdócio de Cristo. Sacerdócio vivido em aspiração, em renúncia, em heroicidade. Sacerdócio de Credo, Mandamentos e Bem-aventuranças, Sacerdócio dos conselhos evangélicos.

Esta era, efetivamente, a sua paradoxal circunstância, a de ser duplamente "perseguido": pelos pobres, que esmolavam os seus gestos e palavras de caridade, e pelos demais, sobretudo os (supostos) "cristãos de bem", que o acusavam de se imiscuir em ambientes considerados pouco próprios aos de um padre. Particularmente doloroso era o facto de esta última perseguição encontrar eco, inclusive, entre os seus companheiros de ministério presbiteral, logo desde o início da sua "vida pública" e a começar pelos seus mais próximos, ou seja, da sua própria diocese e cidade. De acordo com o testemunho do Padre Euclides Morais:

Havia quem não gostasse dele entre o clero da cidade. Todos os outros gostavam muito da sua pregação e chamavam-no com frequência. Contudo, nada mais ouvi contra ele, senão coisas deste género: "gastou 400\$00 em ovos para ir com os rapazes à Figueira da Foz num domingo... Não reza o Breviário e pode andar por toda a parte a pregar e a pedir e a escrever!..."

Isto era no princípio, muito antes de ter a Casa de Miranda do Corvo. Creio até que mesmo antes de organizar as colónias de verão em S. Pedro de Alva e depois na Várzea de Góis, hoje Vila Nova do Ceira.

E os 400\$00 (se é que foram 400\$00!...) certamente tinham incluídos o pão, os bilhetes do comboio e, porventura, ainda outras despesas! Mas ainda que não fosse assim! Só o cativar rapazes como aqueles, a ponto de se não envergonharem de acompanhar um sacerdote de batina à praia da Figueira na época mais concorrida, é vitória superior a muitos contos de réis!²⁵.

Percebemos, por estes relatos (e salientando que muitos outros, seus coetâneos ou surgidos já depois da sua morte, poderiam ser aqui invocados²⁶), que uma associação de um certo conceito de "santidade" à biografia, testemunho e legado de Padre Américo não é, de todo, um exercício de imediata linearidade nem de facilitada assimilação. Com efeito, a radicalidade do seu *modus vivendi* evangélico não poucas vezes entrou em choque não só com o

²⁵ [MORAIS, Pe. Euclides] - *Facetas de uma vida*. «O Gaíato», Ano XVI, n.º 397 (30 de maio de 1959), p. 1.

²⁶ Grande parte dos textos publicados na coluna "Facetas de uma vida" do jornal *O Gaíato* são disso mesmo um reiterado exemplo.

"ideal" da configuração noética e semântica do "presbítero" (entre alguns dos seus contemporâneos, sobretudo) como também (aparente e provisoriamente) terá mesmo impedido sequer a possibilidade de tal associação. Assim, às acusações de desrespeito pelo *status quo* sacerdotal acrescentaram-se ainda as de "gastador", a de faltar com as suas "obrigações canónicas", a de fazer «comércio negro em Paço de Sousa» (com os resultados das coletas de bens e de dinheiro que copiosamente ia recebendo para a sua Obra²⁷); mas certamente muito mais grave (atendendo ao contexto do "espírito da época" em que se inscreve), fora o apodo de "comunista" de que também foi alvo e ao qual responde com uma particular maestria e desenvoltura:

Acusam-me de comunista. Sim. Sou comunista... cristão. É justamente por isso que, além dos haveres de cada um, respeito, também e muitíssimo, os seus dons espirituais. A liberdade é o maior. Deus cria o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Chama feliz àquele que pode fazer o mal e não o faz; ao que pode transgredir e não transgride. Isto é; livre e libertino são palavras antagónicas. Uma merece prémio, outra castigo, — o fruto natural da nossa liberdade. Sim. Sou. O verdadeiro, o autêntico, o único comunismo é este Evangelho, por ser o de Cristo Jesus²⁸.

Não obstante, igualmente desde a primeira hora que a sua personalidade, tão avessa a catalogações, não deixou de suscitar admiração e mesmo "atração", sobretudo pelo desassombro (profético, pois denunciador) das suas palavras: «Eu venho aqui acusar o mundo. Sou testemunha de acusação. Acuso a Ciência. Acuso o Capital. Acuso o Poder. Acuso estas trez [sic] forças enquanto as não souber a favor e ao serviço da fraqueza»²⁹. Torna-se necessário, portanto, ter sempre presente esta dimensão "paradoxal" da sua personalidade, à hora de compreendermos a sua biografia, sobretudo quando a esta associarmos uma qualquer noção de "santidade".

²⁷ Cfr. AGUIAR, Américo Monteiro de - *Do que nós precisamos*. «O Gaiato», Ano II, n.º 37 (28 de julho de 1945), p. 3; IDEM - *Do que nós precisamos*. «O Gaiato», Ano III, n.º 76 (25 de janeiro de 1947), p. 2.

²⁸ IDEM - *Nota da Quinzena*, «O Gaiato», Ano IV, n.º 81 (5 de abril de 1947), p. 2.

²⁹ IDEM - *Nota da Quinzena*, «O Gaiato», Ano IV, n.º 99 (13 de dezembro de 1947), p. 2.

2. Dos conceitos e suas múltiplas configurações

2.1. A "santidade": horizonte conceptual

Tendo presente o que atrás se referiu, podemos desde já apontar que o termo "santidade", quando associado a esta figura, não tem nunca um sentido unívoco nem imediato: não só porque o Autor não nos esclarece, com o nosso (desejado) "rigor científico-conceptual", qual o seu entendimento de tal enunciado, mas também porque o mesmo nos aparece como que destilado, decomposto sob múltiplas configurações a que nos teremos que ater em ordem à sua posterior sistematização e compreensão mais profunda.

2.1.1. Horizonte de compreensão (do fenómeno e do conceito) da santidade: o Evangelho

Fazendo eco do que atrás se referiu a este respeito, completamos agora a ideia central segundo a qual uma qualquer análise em torno da personalidade de Padre Américo será tão mais certa e esclarecedora quanto tiver em máxima consideração o facto de que ele era alguém que, efetivamente, «trazia o Evangelho na cabeça e no coração»³⁰. Com efeito, quando o próprio se apresenta dizendo:

Eu cá não leio nada. Não estudo nada. Não sei nada. Tenho só um livro: é o Novo Testamento. Começo no princípio e vou por aí fora até ao fim. Torno a começar e vou, vou, vou, até acabar. Isto durante um ano. Isto durante dois. Isto sempre. São perigosos os homens dum só livro e podem vir a ser incendiários. Cautela.³¹

imediatamente deixa claro que é aquele livro a verdadeira "fonte" (de inspiração e orientação) para todos os seus projetos. Será justo reconhecer que «as especulações teológicas o não apaixonavam. O Evangelho e o Catecismo bastavam-lhe, porque também encontrava neles riquezas que os teólogos encartados mal suspeitavam»³²; eis mais uma prova da referida "inteligência sensível" de que ele era portador, algo igualmente verificável à hora de fazermos esta aproximação ao "seu" conceito/compreensão da "santidade".

Por conseguinte, não nos deve ser de todo estranho que tal conceito tenha,

³⁰ SOARES, Pe. Avelino - *Facetas de uma vida*. «O Gaíto», Ano XIV, n.º 340 (16 de março de 1957), p. 1. 4.

³¹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*, vol. 1, p. 190.

³² SOARES, Pe. Avelino - *loc. cit.*

no seu pensamento, duas raízes neotestamentárias muito fortes. A primeira é o texto das "Bem-aventuranças": «"Bem-aventurados os que têm fome e sede de santidade". Todos quantos gostam da leitura do jornal são ouvintes fervorosos do Sermão da Montanha!»³³; a segunda é a vida-exemplo do único e verdadeiro Mestre, Jesus Cristo: «A par do espírito que os coloca na primeira Bem-aventurança, mergulhe cada um na vida escondida do Mestre, onde necessariamente encontra as mais virtudes que o fazem crescer em Graça e em santidade»³⁴. Deste modo, às palavras do programa escatológico de Jesus que o "Sermão da Montanha" concretiza (e que Américo interpreta em chave intra-histórica, pois igualmente o identifica como «texto fontal da vida cristã»³⁵), o Autor liga a biografia (dita mesmo "escondida") do próprio Cristo como fonte-exemplo de virtude e, nesta, da "graça santificante". Tal hermenêutica dos ditos e feitos de Jesus situa-se num plano distante da espiritualidade (presbiteral) defendida na sua época. Como nota o Padre José da Rocha Ramos, Padre Américo «Nunca se refere ao Santo Cura d'Ars [S. João Maria Batista Vianney], apresentado ao tempo como o protótipo do verdadeiro padre diocesano»³⁶. Com efeito, a figura deste santo haveria de ser apresentada pelo próprio Magistério como o "modelo perfeito" do padre na Encíclica *Sacerdotii Nostri Primordia* de João XXIII (1-8-1959), tal como se diz no n.º 9:

A Igreja, que glorificou este padre "admirável pelo seu zelo pastoral e seu ininterrupto desejo de oração e de penitência", tem hoje a alegria, passado um século sobre a sua morte, de o apresentar aos padres de todo o mundo como modelo de ascese sacerdotal, de piedade, e sobretudo de piedade eucarística, modelo enfim de zelo pastoral.

Assim, à leitura (passiva) de "obras de piedade" (literalmente de "vidas de santos") ou de obras enquadráveis numa «hagiografia devota» e «milagreira»³⁷,

³³ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Doutrina*, vol. 1, p. 141.

³⁴ IDEM – *Normas de Vida dos Padres da Rua*. Paço de Sousa: Casa do Gaiato/Obra da Rua, 2006, p. 21.

³⁵ HIPÓLITO, Isaías – *A 'Sequência' das Bem-Aventuranças (Mt 5,3-16) à luz da Retórica Bíblica*. «Theologica», II série, vol. 42, n.º 1 (2007), p. 114. A atestar a centralidade desta perícopa neotestamentária na vivência (espiritual, ministerial e caritativa) de Padre Américo estão também as palavras de D. Júlio Tavares Rebimbas, então Bispo do Porto, nas comemorações do I Centenário do seu nascimento (vide REBIMBAS, D. Júlio Tavares – *O caminho das bem-aventuranças na vida do P. Américo*. «Lumen», II série, vol. 48, n.º 11 (1987), p. 15-16.20.

³⁶ RAMOS, José da Rocha – *Padre Américo: místico do nosso tempo*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1997, p. 70.

³⁷ ROSA, Maria de Lurdes – *Santos e demónios no Portugal medieval*. 1ª ed. Porto: Fio da Palavra, 2010, p. 90. Serve-se a autora desta expressão para resumir, o «enquadramento» dado por D. Manuel Trindade Salgueiro à obra *Santos Portugueses* de João Ameal, obra que, segundo o prefaciador, está em contraponto com a visão/proposta daqueles outros «autores que pretendem fazer-nos acreditar, com as suas miragens e suas fantasias, que tudo, nos santos, se passa em atmosfera de milagre» – SALGUEIRO, Manuel Trindade – *Esplendor da Santidade*, em AMEAL,

Padre Américo contrapõe, em primeiro lugar, a leitura e meditação das “palavras e atos” de Jesus de Nazaré como ponto de partida essencial para a santificação pessoal:

“Eu quero ler a Sagrada Escritura”. Tantas histórias. Mestres de novelas. Romances. Toda a sorte de livros. Nada disso. Podia a parálitica ter pedido a vida de um santo, por isso lhe estar a carácter. Mas não. Ela vai à fonte. Vai à origem. Pede o principal: – “Eu quero ler a Sagrada Escritura”³⁸.

Permita-se-nos assinalar que esta ideia não é aqui apresentada de forma direta pelo próprio: atento à realidade com que se enfrenta, é a sua extrema sensibilidade que lhe permite intuir e inferir, nas palavras daquela convallescente, a “máxima” que pretende sublinhar. Também por aqui se percebe, portanto, que a reflexão que esta postura, simultaneamente existencial e teórica que Padre Américo nos sugere acerca do universo da santidade há de ser alicerçada em critérios diferentes dos tradicionalmente considerados: mais concretamente, em vez da “exemplaridade dos exemplos” (santos), é à “exemplaridade da fonte” (Jesus Cristo) que o nosso desejo de *sequela*, *imitatio* ou *imago* [*Christi*]³⁹, se deve (re)orientar.

2.1.2. Aproximações ao conceito

Adotando agora uma perspetiva mais “literalista”, procuremos aquelas menções e/ou ocorrências mais explícitas ao conceito de “santidade”. Feito tal exercício, damo-nos conta de que, efetivamente, não é possível registar nos escritos de Padre Américo uma definição sistemática de “santidade”, o que nos exige que respiguemos as referências (diretas ou indiretas) a este respeito, tentando identificar assim as suas nuances (as referidas configurações) e sistematizando-as em ordem a um possível esboço conceptual. O que se segue será, em suma, uma síntese possível dos resultados de tal exercício.

João - *Santos Portugueses*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1957, p. XIX. O Padre Joaquim Alves Correia haveria mesmo de afirmar, a este respeito, e de forma lacónica: «[Portugal é o] País em que a piedade lê tudo menos o Evangelho» - CORREIA, Joaquim Alves - *A largueza do Reino de Deus*. 4ª ed. Lisboa-Rio de Janeiro: Livros de Portugal, S. A., 1943, p. 63. Facilmente se depreende, assim, não só da dinâmica do debate então existente, mas igualmente (e de forma bem clara) de que “lado” poderemos colocar as ideias veiculadas por Padre Américo.

³⁸ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Doutrina*, vol. 3, p. 101.

³⁹ Para uma explicitação dos matizes bíblico-teológicos existentes entre estes termos, ver MONTES PERAL, Luís Ángel - *Trás las huellas de Jesús. Seguimiento y discipulado en Jesús, los Evangelios y el Evangelio de Dichos Q*. Madrid: BAC, 2006, p. XXXVI-XXXIX.

2.1.2.1. A santidade enquanto "piedade verdadeira"

Uma primeira nota definidora da santidade que transparece dos textos de Padre Américo consiste na conjugação entre esta e a ideia de "piedade", dois termos/conceitos que aparecem associados de forma inovadora, pois quer um quer outro surgem apetrechados de notas semânticas algo incomuns. Com efeito, para o Autor, "santidade" é sinónimo de "piedade", desde que esta seja "verdadeira", ou seja, aquela que mais facilmente chora diante do sofrimento do outro do que está preocupada com a própria salvação. Recorrendo à terminologia hagiográfica tradicional mas simultaneamente colorindo-a com novos horizontes de compreensão, Padre Américo refere a «virtude heroica» que, por o ser (heroica virtude), é verdadeiramente fiável, "credível":

"Eu nunca o fui procurar, Padre, com vergonha." Dá serventia nas casas onde a ocupam, esta honrada mulher, que, para maior glória, é viúva e tem mais filhos.

A gente sente-se pequenino diante da grandeza de mulheres assim; e acredita infinitamente mais na virtude heroica que não se queixa do que na piedade falsa que por tudo faz beicinho. São mulherzinhas de chapéu, de manta e de lenço, que somente cuidam em salvar a sua alma, sem se lhes dar da dos mais; e gostam de mendigar, com lágrimas em seus olhos, as simpatias da gente. Mentira!

A Piedade verdadeira não tem lágrimas. Cristo Jesus nunca chorou. Se o fez em Naim ou em Betânia, foi por causa dos Outros, que não por si. E o Evangelista diz-nos que Ele firmara o semblante direitinho à Cruz.

O Apóstolo das Gentes que piedosamente chorava ao despedir-se dos irmãos, por amor deles, sabia-lhes dizer na face, resistindo a conselhos amigos, que não queria fugir aos perigos nem à morte — e firmava o semblante direito a Jerusalém. Piedade!⁴⁰

Por isso, em seu entender, «O santo comodismo das contas de vidro, horas de piedade e do "não me incomode!..."⁴¹» deve, antes, dar lugar à dádiva

[...] da tua abundância: panos de linho, fruta seca e fruta verde, marmelada do teu stock, dinheiro do teu salário. Quanto possível, dar cada um do que tem em sua casa para seus gastos, com sacrifício real, sujeito a

⁴⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de – *Pão dos Pobres*, vol. 3, p. 39.

⁴¹ IDEM - *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 1, 5ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986, p. 133.

*privações; e assim a tua esmola, escondida e valorizada, vai aliviar a grande dor dos doentes e santificar a tua alma*⁴².

Não será, portanto, «[...] lendo horas de piedade em tua casa e fazendo mesuras aos santos nas igrejas»⁴³ que se alcançará a bem-aventurança; será arriscando-se e “dando a vida” pelo bem e felicidade dos demais que a porta da santidade nos será aberta. Como diria Sophia de Mello Breyner:

*O amor é oferecido raramente e aquele que o nega algumas vezes depois não o encontra mais. Mas a santidade é oferecida a cada pessoa de novo cada dia, e por isso aqueles que renunciam à santidade são obrigados a repetir a negação todos os dias*⁴⁴.

2.1.2.2. A santidade: “força interior” e “dom”

Um segundo momento definidor de “santidade” ocorre quando esta é distinguida de

*[...] um sentimento, é antes uma força interior. É um dom do Espírito Santo que nos leva a arrostar a vida tal qual nos vem ter e a suportá-la sozinhos, em silêncio, semblante firmado ao Dever, com olhos postos na Cruz! Ai, que ele é tão doce dizer que se ama a Deus quando as coisas deslizam sem arestas; tão fácil ser-se piegas e chamar-se piedoso!*⁴⁵.

Este jogo de palavras (pieguice *versus* piedade), tão ao seu jeito, pode chocar a sensibilidade de alguns dos seus leitores... Mas é o estado (calamitoso) em que se encontram tais “consciências tranquilas” diante do sofrimento inocente dos pobres por todos esquecidos que o leva a afirmar, sem temor nem tremor, que «É preciso falar assim, por causa dos santos e das santas das capelinhas»⁴⁶. Contra qualquer espécie de compreensão sentimentalista e tantas vezes auto-expiatória da santidade, Padre Américo sublinha o seu carácter profundamente exógeno: ela nunca pode ser considerada como mero “somatório” das “boas ações” praticadas; ela será antes de tudo e sempre uma “graça”, um “dom” de Deus àqueles e àqueles que têm como único alimento vital «fazer a vontade do

⁴² IDEM - *Pão dos Pobres Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. Vol. 2, 5ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1990, p. 12.

⁴³ IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 1, p. 248-249.

⁴⁴ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner - *Contos exemplares*, 32ª ed. [Porto]: Figueirinhas, 1997, p. 118.

⁴⁵ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*, vol. 3, p. 40.

⁴⁶ IDEM - *Doutrina*, vol. 3, 1ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1980, p. 79.

Pai» (cfr. Jo 4, 34). Padre Américo sabe – e assim mesmo defende – que, a fé «se ela não tiver obras, está completamente morta» (Tg 2, 17); mas, neste caminho da santidade, é na fé e na esperança que devemos assentar as bases do nosso agir e não tanto nos “méritos” (reais ou meramente desejados) dos nossos atos.

2.1.2.3. A santidade enquanto “amor ao próximo”

Do mesmo modo e no mesmo sentido, não têm aqui guarida os clássicos “exercícios de piedade”, por muitos considerados uma espécie de “atalhos para chegar ao céu”, e com os quais preenchiam muitas horas do seu tempo com o intuito de, através deles, “purificarem a alma” e/ou “expiarem” os seus pecados. Contrariando essa espiritualidade expiatória e autorreferencial, Padre Américo propõe que «o verdadeiro amor de Deus não se encontra nas horas de piedade nem nas mesuras aos santinhos, mas sim no verdadeiro amor do Próximo»⁴⁷. Mais concretamente, «É justamente nestes trabalhos, a defender causas justas e honestas, que os homens se fazem santos e são homens. Por caminhos áspers é que se vai bem, di-lo o Evangelho»⁴⁸. E vai ainda mais longe na sua demonstração, quando afirma que «(...) ele pode haver muito mais santidade na canastra da sardinha daquela mulher que a vende, ao tempo, com um filho no colo e outro no ventre, do que as páginas doiradas de muito livro piedoso!»⁴⁹.

2.1.2.4. A falsa/pretenso santidade

A esta sua violenta crítica às chamadas “obras de piedade”, sobretudo quando entendidas como mero refrigério das almas (supostamente) perturbadas pela culpa ou remorso, se anexa uma outra, igualmente violenta, às chamadas “festas de caridade”, sejam elas de iniciativa pagã ou cristã-católica:

Todas as festas de qualquer carácter profano que se façam em nome de uma Conferência de S. Vicente de Paulo, constituem falta grave e colocam os seus promotores em perigo social; o Pobre não pode ver com bons olhos que alguém coma ou beba ou se divirta à custa da sua imerecida penúria.

Há só uma fonte de receita perene e abundante, com força de santificar

⁴⁷ IDEM - Américo Monteiro de AGUIAR, *Pão dos Pobres. Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos*. vol. 3, 4ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1999, p. 76.

⁴⁸ AGUIAR, *Pão dos Pobres*, vol. 4, p. 177.

⁴⁹ IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 3, p. 76.

*os interessados: chorar com os que choram. Fora disto, é tudo mentira*⁵⁰.

Tal posição, tão contrária ao pensar dos seus coetâneos («O mundo não lê assim»⁵¹), é justificada, segundo o próprio, pelo «[...] instinto das coisas santas. É o amor da pessoa e da condição do Pobre. É a Caridade»⁵². Ou seja: é para defender os pobres, é porque nutre por eles um verdadeiro amor (lido como afeição, atenção, preocupação, cuidado... que lhe exigem a coragem da denúncia de todas as injustiças que contra eles são cometidas), é porque o seu conceito de Caridade (assim mesmo grafado, quase sempre com maiúscula) não coincide com o que dela diziam e em nome dela faziam muitos dos seus contemporâneos que Padre Américo se vê forçado a reposicionar e reformular não apenas os conceitos como as próprias práticas em torno da resposta à pobreza.

Torna-se claro, portanto, que ao conceito de santidade, muitas vezes entendida pelos seus coetâneos como uma espécie de quietismo espiritualista, Padre Américo associa os de «heroísmo», «resignação» (diante das adversidades de que somos vítimas)⁵³ e «sacrifício», conceitos também aqui “alargados” de acordo com a sua cosmovisão muito própria:

O saber dos senhores doutores já há muito que pôs o ponto final, para ficar somente de pé a Ciência de Deus!

O nosso doente quis comungar. 'Fê-lo' um dia, em pequenino, na igreja paroquial e nunca mais...

- Pois sim. Amanhã pelas onze, que antes não posso vir. Mas tome algo à hora do costume.

Não tomou nada e ateimou com a mãe: “Quero oferecer hoje um sacrifício ao Senhor”, disse!

À beirinha dos nossos mares, como dantes na Galileia, passa o Divino Pastor das almas a segredar lições de santidade e desejos de sofrer mais.

*“Quero oferecer hoje um sacrifício ao Senhor.” Dezasseis anos de braços em fontes vivas de pus não é sacrifício!*⁵⁴.

*Sim; quisera eu que tu viesses comigo para receberes, à beira da cama deles, em troco da pequena esmola que dás, outra infinitamente maior: lições de coragem, de heroísmo, de santidade*⁵⁵.

⁵⁰ IDEM - *O Barredo. Lugar de mártires, de heróis, de santos*. 2ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaíato, 1974, p. 166.

⁵¹ *Ibidem*, p. 181.

⁵² *Ibidem*, p. 182.

⁵³ Cfr. *Ibidem*, p. 218.

⁵⁴ Cfr. IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 1, p. 205.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 260.

2.1.2.5. A santidade enquanto "loucura"

Finalmente, regista-se ainda uma associação entre santidade e "loucura": «Quem sabe se eu não venho ainda a chegar à loucura dos santos?»⁵⁶, expressão traduzível por uma fé arrebatadora, concretizada numa total confiança em Deus:

O que então se passa na minha alma é coisa inenarrável. Entro a desfalecer. Quero fugir. Mas isto dura pouco tempo. Deus tira-me o tino e dá-me a Sua loucura. Já não vejo nada; já não sinto nada. Os problemas de todos, e o meu também, ficam num instante resolvidos.

"Homem de pouca fé, porque duvidas?!"

*Senhor de Misericórdia, não retireis jamais da minha inteligência a loucura do Divino.*⁵⁷

Seria um rasgo de audácia, se não fora antes um simples ato de fé. Meti ombros à obra sem dinheiro, sem equipamento, sem opinião.

— Quê? Garotos da rua no meio de quintas, eles, o pior do mundo?!

O padre está varrido.

*Sim, 'doido'. O Evangelho é loucura.*⁵⁸

Como facilmente se compreende, não estamos aqui naquele outro registo, que igualmente associa ambos os campos (santidade e loucura, ou, se preferirmos, espiritualidade e psiquiatria), e que é (e bem) considerado como o melhor horizonte para compreender essas "outras formas" – Tiago Pires Marques define-as como "marginais" – de santidade, também elas contemporâneas de Padre Américo, e de que é exemplo o caso de Alexandrina Maria da Costa (ou "Alexandrina de Balasar", por este mesmo autor estudado⁵⁹). A "loucura" a que aqui Padre Américo se refere será, certamente, a mesma de que fala S. Paulo aos habitantes de Corinto, numa perícope daquela sua carta que aqui merece ser transcrita:

⁵⁶ IDEM - *O Barredo*, p. 251-262.

⁵⁷ IDEM - *Doutrina*, vol. 2, p. 220.

⁵⁸ IDEM - *Obra da Rua*. 5ª edição atualizada. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 2012, p. 14.

⁵⁹ MARQUES, Tiago Pires Marques - *De Corpo e Alma na margem: Catolicismo, santidade e medicina no Norte de Portugal (c. 1900 - c. 1950)*. «Topoi» (Rio de Janeiro), vol. 13, n.º 25 (2012), p. 147-67; IDEM - *A casa da Alexandrina: Memória, género e papéis religiosos numa aldeia do Minho*. In FONTES, João Luís; ANDRADE, Maria Filomena; MARQUES, Tiago Pires (Coords.) - *Género e Interioridade na Vida Religiosa. Conceitos, contextos e práticas*, 1ª ed., Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa - Universidade Católica Portuguesa, 2017, p. 189-202. Em nota na página 190 deste último estudo, o autor acrescenta ainda os nomes de outras duas figuras igualmente coetâneas e merecedoras de registo: «Carmina, morta nos anos 30» e «o caso, mais conhecido, de Maria da Conceição Pinto da Rocha» (e respetiva bibliografia). Ainda sobre a beata Alexandrina, e em perspetiva teológico-espiritual, ver igualmente o estudo de DUARTE, Alexandre Freire - *Apontamentos sobre a "espiritualidade vital" em Alexandrina Maria da Costa*. «Theologica», II série, vol. 49, n.º 1 (2014), p. 63-87.

A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus. Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o letrado? Onde está o investigador deste mundo? Acaso não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Pois, já que o mundo, por meio da sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que crêem, pela loucura da pregação. Enquanto os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca da sabedoria, nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus. Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens (1 Cor 1, 18-25).

Com este pano de fundo, percebe-se agora muito melhor o conteúdo, o alcance e o sentido das afirmações de Padre Américo, bem como o facto de ter sido precisamente com os adjetivos “loucos e loucas” que apelidou alguns dos “santos e santas” da sua especial devoção (como veremos adiante).

2.2. A “santidade”: exemplaridades

2.2.1. «O amor do Pobre pela sorte dos Pobres toca as raíais da santidade»⁶⁰

Já é sabido (e pelo exposto facilmente deduzível) que os conceitos de “Pobres” e “Pobreza” (e sobretudo a realidade que estes termos encerram) ocupam um lugar cimeiro na hierarquia das preocupações e dos aspetos mais relevantes do pensar (“teo-lógico”) e agir (social) de Américo Monteiro de Aguiar⁶¹. E também sabemos, pela História da Teologia (do séc. XX, em concreto) que a apresentação/definição da figura do “Pobre” como “lugar teológico” é proposta de Gustavo Gutiérrez, feita apenas no pós-II Concílio do Vaticano, uma proposta constante de um projeto de reformulação teológica-pastoral mais alargado comumente denominado “Teologia da Libertação”⁶². Contudo,

⁶⁰ AGUIAR, Américo Monteiro de Aguiar - *Pão dos Pobres*, vol. 3, p. 40.

⁶¹ Cfr., a este respeito, “O(s) pobre(s) e a pobreza: ‘raiz, nervo e cume’ do ‘pensar atuante’ de Padre Américo” - LEAL, Luís - *Padre Américo Monteiro de Aguiar: Um “reólogo da ação” no Portugal contemporâneo*, p. 31-72.

⁶² SARANYANA, Josep-Ignasi - “*Teología de los santos*” o “*reología de la santidad*”. «Scripta Theologica», n.º 43 (2011), p. 307.

fazendo uma leitura sinóptica de tais enunciados com os escritos de Padre Américo a este respeito, talvez não seja de todo impossível vislumbrar (também) aqui uma nota visionária do seu pensamento, visionarismo este que permitirá perceber ainda melhor o alcance da sua faceta de "precursor do II Concílio do Vaticano" (no juízo acertado de D. António Marcelino⁶³). Volvidos mais de 50 anos deste Concílio (e tendo amainado o "fulgor politizante e politizado" da época e contexto em que a referida "Teologia da Libertação" surgiu), talvez tenha chegado a hora (também no quadro da proposta conceptual-pastoral do Papa Francisco) de desenclaustrarmos este *topos* daquele "espartilho teológico-ideológico-político" e de lhe concedermos o merecido lugar e relevância, recuperando assim uma das "linhas mestras" (embora obnubiladas) do dito Concílio.

Para tal podem concorrer muitos dos enunciados de Padre Américo a respeito dos pobres que encaixam, precisamente, na análise e temática aqui em discussão. Com efeito, para ele, os pobres são os «santos de carne e osso, não canonizados»:

Fui ao "bairro das latas". Chovia abundantemente. Preferi assim para melhor ver a miséria. Levei comigo um dos nossos. Eles já de lá vieram e é bom que se não esqueçam, com o pobre conforto das nossas Casas. Atravessei pelo meio de todas aquelas barracas. Informei-me dos mais necessitados: "São todos muito pobres; precisamos todos muito".

Entrei na primeira casa: homem sem trabalho, mulher com duas hérnias, tinha comido dois tostões de berbigão e era já rente à noite; muitos filhos e pequenos; lareira apagada; e por isso não se pode chamar àquilo um lar.

Dizem-me que vá a uma casa vizinha: "São dois pobres Doentes". Ele, velhinho e cheio de reumatismo, andava a vender uma tabuinha de areia fina "para arranjar para a ceia"; ela, velhinha, com uma tuberculose óssea; vivem numa antiga capela; não vi lá imagens de santos canonizados mas pareceu-me ver santos de carne e osso"⁶⁴.

Convirá ter presente a sua especial afeição/devoção por Francisco de Assis, sempre «[...] na companhia da sua sempre noiva, a Santa Pobreza»⁶⁵, como exemplo radical por ele adotado do que deveria ser a atitude de todo o cristão diante dos pobres/pobreza. Com efeito, apenas considerando este campo lexical

⁶³ MARCELINO, António Baltasar – *Padre Américo. Precursor do II Concílio do Vaticano. A sua leitura dos sinais dos tempos*. Coimbra: Alforria-Tenacitas, 2016.

⁶⁴ AGUIAR, Américo Monteiro de - *O Barredo*, p. 65.

⁶⁵ IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 1, p. 23.

se tornarão inteiramente perceptíveis as suas palavras:

*O Pobre é coisa tão santa, e tão divina a missão de o servir, que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles; as experiências não se transmitem*⁶⁶.

*A casa dos Pobres é verdadeiramente a Casa de Deus e a Porta do Céu. Ali tudo é maravilhoso. Os de fora não atingem a grandeza dos que lá moram nem o trato familiar de Deus. É um sacramento*⁶⁷.

Uma vez mais, a dinâmica dialogal intertextual é, aqui, de suprema relevância: como que em sentido inverso ao que seria habitual verificar-se, é o texto bíblico e a Tradição teológica a iluminar o texto de Padre Américo; são essas luzes primordiais que revelam, como em espelho, toda a luminosidade de que o texto de Américo se reveste: como não entrever, nas entrelinhas do mesmo, o imperativo de Deus a Moisés a «tirar as sandálias dos pés, porque é terra santo o lugar que pisas» (cfr. Êx 3, 4-6), trecho bíblico explicitamente invocado por Padre Américo para “encarecer” o terceiro volume do seu livro *O pão dos pobres*⁶⁸? E que dizer desta identificação da casa dos pobres como “sacramento”, quando é o próprio que define estes últimos como «canais por onde corre o sangue de Jesus»⁶⁹, verdadeira *fons vitae*?

Por conseguinte, não será atrevimento adjetivar a sua perspetiva como sendo de rutura: onde os demais seus contemporâneos viam «lixo»⁷⁰, ele vê o “santo” e o “divino”. E, nesta sua peculiar “graduação óptica” (necessariamente afinada pelas virtudes teologais), resume o paradoxo do Mistério da Encarnação. Este será, igualmente, o caminho e o horizonte de compreensão da forma como o próprio processo de santificação se concretiza, de acordo com os seus escritos. Explicitando, e sem perifrases, para Padre Américo, a conversão começa no olhar: num olhar que deixa de ser meramente descritivo (próprio das “tabelas e formulários” usados pela “Assistência” de então⁷¹) para ser empático (na mais pura etimologia do termo), de acusação (também em sentido jurídico-penal, quando se tratava de avaliar o trabalho dos Tribunais de Menores e a “cega” aplicação da Lei⁷²) para se tornar de compreensão; a santidade é, portanto,

⁶⁶ *Ibidem*, p. XIII.

⁶⁷ IDEM - *Doutrina*, vol. 3, p. 101.

⁶⁸ Cfr. IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 3, p. 23-25.

⁶⁹ IDEM - *Doutrina*. Vol. 1, 2ª edição aumentada. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1974, p. 265.

⁷⁰ IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 4, p. 317.

⁷¹ «Enquanto houver tabelas nos modos de fazer assistência, temos de contar com legiões de vadios nas ruas, a pedir contas à gente...! E mais nada». – IDEM - *Notas da Quinzena*. 1ª ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaiato, 1986, p. 133.

⁷² «[Nós, os portugueses] Regeitamos [sic] o Sermão da Montanha e eis que aceitamos os decretos do Terreiro do

também (diríamos mesmo: sobretudo) uma questão de mundividência.

Outro elemento muito interessante é a relação que Padre Américo estabelece entre "santidade" (e em particular aquela que caracteriza os mais pobres) e a "solidariedade" que tem os pobres como sujeitos (num tipo e num nível que o Autor considera só entre eles ser possível de verificar):

"São os Pobres que ajudam os Pobres, meu Padre; venha ver os meus vizinhos". Assim me dizia uma mulher de má nota! E eu fui atrás dela. Era um casebre de muitos andares com muitos cubículos e todos eles cheios.

Este aonde estávamos, é ocupado por duas mulheres cheias de anos e de simpatia. Estas são de Resende. As outras de Anadia. A primeira é de Ovar. Raras vezes encontro alguém do Porto nestas condições. São duas irmãs. A primeira é entrevada. Não se pode mexer. Serviu muitos anos uma família aonde esteve até há poucos meses, mas a senhora dela morreu e os seus descendentes não a quiseram por herança. Que pena eu tive desta velhinha que perdeu tudo, quando de tudo precisa; que estava afeita às suas coisas e agora não tem nada. Nem o sol entra naquele quarto. Que pena eu tenho dela. Trago-a e tenho-a no coração. A irmã que a zela é uma heroína. Ela é cancerosa. Tenta descobrir-se para me mostrar e eu disse-lhe que não. Quando lhe perguntei se tinha muitas dores, ela responde com simplicidade que agora tem de cuidar da irmã! Isto é o Barredo. Esta é a palavra mais funda que hoje existe em Portugal. Aqui é terra de Heróis, de Mártires e de Santos. Nós somos a vulgaridade⁷³.

A clareza do texto escusa-nos de mais explicitações. Assim, e concluindo, diríamos que são muitas e diversificadas as "vias de contemplação" da santidade propostas por Padre Américo. E que porventura o elemento mais curioso na sua proposta (d)e visão desta questão é o caráter "inesperado" e de "rutura" com que tais vias quase sempre se revestem. Em suma, somos levados a cerrar este raciocínio afirmando que uma qualquer aproximação àquela que é a "sua" definição de santidade deverá estar sempre previamente preparada para se "des-instalar" dos "lugares-comuns" (epistemológicos, concetuais, fontais ou outros), sob pena de não se conseguir perceber o *quid* a que a mesma parece querer apontar. No seguinte apartado veremos mais uma prova de que tal exigência não pode ser ignorada.

Paço, feitos e aprovados por mortais. Marcar idades. Dizer profissões. Ajustar salários. Nomear juízes. Fundar tribunais, – e o mais que lá vem. E no entanto, com todas estas cautelas, passa o pequenino na via publica com uma barra de ferro às costas, a tremer e a gemer! Para que presta a lei, se falta a consciência!?» - Américo Monteiro de AGUIAR, Américo Monteiro de - *Nota da quinzena*. «O Gaiato», Ano IV, n.º 85 (31 de maio de 1947), p. 2.

⁷³ IDEM - *O Barredo*, p. 59-60.

2.2.2. O "culto dos santos" (das margens)

Homem cuja biografia e obra (literária e socialmente concretizada) se enxertam profundamente naquele que foi "o seu tempo" mas que simultaneamente apontou "muito além" desse mesmo tempo, também nele se reflete uma outra "grande linha" da espiritualidade da primeira metade do séc. XX em Portugal – o "culto dos santos" – embora, uma vez mais, seja este um reflexo de contornos inovadores (ou mesmo contrastantes) com aquela que era, à data, a fisionomia mais comum de tal fenómeno. Assim, se, por um lado, os seus textos fazem eco de uma certa «laicização da santidade» (na expressão de Maria de Lurdes Rosa⁷⁴) ocorrida aquando da Primeira República, não se encontram neles, por outro lado, nenhuma evocação daquela "santidade patriótica" tão própria do Estado Novo⁷⁵. Com efeito, nunca o nome do "Santo Condestável" (que Maria de Lurdes Rosa considera ser mesmo merecedor de um «Estudo de caso» mediante o qual «se compreende a passagem das utilizações liberal e republicana [da santidade] à do regime autoritário»⁷⁶) é associado a algo relacionado com a sua Obra; nem tão pouco os eventos e fenómenos em torno de Fátima são acolhidos nos seus escritos sob a égide da conceção "místico-visionária" da santidade" neles proposta⁷⁷. Em vez disso, e recordando o que antes se referiu acerca da sua visão da "piedade", também aqui Padre Américo renuncia a uma perspectiva de pendor "espiritualizante" (não-prático) da devoção/culto às figuras maiores da Tradição católica.

Em primeiro lugar, estabelece uma espécie de "hierarquia" no significado e afinidade espiritual que nutre por algumas dessas figuras. Segundo tal hierarquia, estaria, no topo, e sem qualquer sombra de dúvida, a figura de S. Francisco de Assis, cujo exemplo e atitude revolucionária para com os mais pobres são insistentemente citados e imitados. Depois, e "a par" de S. Francisco,

⁷⁴ ROSA, Maria de Lurdes - *Hagiografia e Santidade*. In AZEVEDO, Carlos A.- Moreira (coord.) - *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 340. Com efeito, «A conturbada época do advento da sociedade laicizada vem impor outros reagrupamentos de santos portugueses. Esta fase do processo caracterizase por uma novidade fundamental: a santidade cristã é forçada a competir com usos laicos dela própria e, por mais paradoxal que pareça, com "santidades não religiosas"». – IDEM - *Santos e demónios no Portugal medieval*, p. 87.

⁷⁵ Continuamos a seguir Maria de Lurdes Rosa: «Anos mais tarde, estando iniciado o período de recomposição da Igreja assegurado durante o Estado Novo, surge um veículo novo de construção da "santidade portuguesa", doravante sempre referida como "santidade nacional" – as colecções de livros didácticos, para a instrução popular ou infantil. Fora precedida – e acompanhada ainda, durante algum tempo – de publicações algo semelhantes, mas não tão orgânicas – as que inseriam a santidade numa reabilitação patriótica e cívica, do Portugal em crise de identidade dos inícios do século XX. Aí os santos apareciam junto com os "heróis" e os "mártires" da pátria [...]». - *Ibidem*, p. 87.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 88-89.

⁷⁷ IDEM - *Hagiografia e Santidade*, p. 342.

encontraríamos várias outras figuras que, a seu modo e no seu tempo, se tornaram igualmente exemplares na forma de encarar os pobres e a pobreza: S. João Bosco, S. Francisco Xavier e S. Vicente de Paulo são disso luzentes exemplos. Por fim, e muito embora não propriamente "abaixo" (nem sob qualquer espécie de categorização valorativa), estariam S. João da Cruz, Sta. Teresa d'Ávila e Margarida Maria de Alacoque. A todos eles se refere explicitamente Padre Américo nos seus escritos, em circunstâncias e com profundidades diversas (e como que a atestar a descrita "hierarquização" aqui rapidamente descrita).

Concomitantemente a esta devoção muito pessoal (e claramente assumida) em relação a estas figuras da Tradição eclesial, encontrarmos igualmente nos seus escritos referências ao exemplo e/ou legado de outros, por ele apelidados de "loucos e loucas", que como ele abraçaram inteiramente o Evangelho (e a vida em prol dos mais esquecidos), nas mais variadas formas e concretizações. Assim, as "Irmãzinhas dos Pobres" (com especial enfoque na sua fundadora, Joana Jugan), a anglicana Florence Nightingale, "mãe" da Enfermagem moderna; o Padre Damião de Veuster, re-conhecido pela sua total dedicação aos leprosos de Molokai; Frei Bernardo de Vasconcelos, monge e poeta do séc. XX de quem Padre Américo leu alguns livros como "leitura espiritual"; os Padres Geada e Grilo, o bispo D. Hélder Câmara, e muitos outros padres, vários leigos e leigas (alguns seus coetâneos, como a «senhora Condessa do Ameal»⁷⁸, essa santa de marfim que eu tanto choro e os Pobres muito mais, nunca visitou um Pobre de automóvel e entrava em casa deles com vergonha de ser rica»⁷⁹) com quem partilhou "alegrias e tristezas, esperanças e desilusões". E estes são apenas alguns dos muitos e muitas que colheram a sua admiração, justificada por tantas razões quantas as que o levam a invocar o seu exemplo.

A santidade, portanto, tem aqui um rosto pluriforme, que atravessa tempos e lugares, modos, formas e estratos de pertença e de responsabilidade (social e/ou eclesial); não o dizendo "textualmente", Padre Américo aponta já àquela ideia (já veiculada e concretizada por figuras como Thomas More ou Francisco de Sales) e justamente sublinhada pelo II Concílio do Vaticano, de que a santidade é, antes de mais, não *uma* mas a "vocação universal" a que todo o cristão é chamado (cfr. Constituição Dogmática *Lumen gentium*, 39-42), "facto teológico" deveras digno de registo, pois que permite atestar uma vez mais o carácter inovador e "precursor" do seu pensamento.

⁷⁸ O seu nome completo é Maria Amélia de Sande Mexia Vieira da Mota Aires de Campos. Nascida a 5 janeiro 1859, faleceu em 1938. Era esposa de D. João de Sande de Magalhães Mexia Salema Aires de Campos, 1º Visconde do Ameal.

⁷⁹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*, vol. 2, p. 27.

2.2.3. A "santidade horizontal": «Nem só Roma canoniza»⁸⁰

Atendendo ao “quadro devocional” atrás descrito, tornam-se igualmente perfeitamente compreensíveis as suas considerações a respeito (dos processos e da problemática em torno) da canonização:

Em um beco de certa cidade, fui há dias rodeado por mãos estendidas de quem deseja contar a sua história. O Pobre, como o Doente, gosta de fazer suas queixas. Escutei; é dever do meu estado. Das janelas, olha-se. Às portas, fala-se. Gente que vai levada, queda — formigueiro em alvoroço. Ao retirar-me do grupo, ouço dizer: “Este é que havia de ser o padre santo!”

O nosso povo é exuberante em associações de ideias. A verdade nasce-lhe dentro. Compreende. Sabe extremar. Tem saudades dos tempos em que “os sacerdotes eram de ouro e os cálices de pau”. A canonização do povo não leva à glória dos altares, sim, mas é relâmpago inspirado; a voz dele é voz de Deus. Se Jesus de Nazaré fosse de canonizar, tê-lo-ia sido pelo povo no “bendito seja o ventre que Te trouxe mais os peitos que Te amamentaram”. Abnegação, generosidade, tino, nome, palavra — brilhantes por lapidar dentro da alma do povo!⁸¹

Como podemos facilmente constatar, em vez de discutir, em base teológica ou canónica, o problema/processo de canonização, Padre Américo prefere recenter toda esta questão no que, para ele, ela tem de verdadeiramente essencial: o lugar e significado, para a fé e para a vida concreta dos crentes, daquilo que se denomina de “comunhão dos santos”. Neste contexto, ele entende que tal conceito (teológico) não se resume nem aponta univocamente aos oficialmente canonizados: ele integra também (e de forma particular) os vivos, aqueles que são “canonizados pelo povo” devido às “heroicas virtudes”; e é pelas suas obras (em defesa dos pobres, sobretudo) que tais santos “não oficiais” revelam merecer especial “devoção”. Como que a ilustrar esta sua ideia, Padre Américo dá mesmo exemplos de duas dessas “canonizações” feitas pelo povo (Cónegos Júlio António dos Santos⁸² e Manuel Fernandes Nogueira⁸³, do Seminário de

⁸⁰ AGUIAR, Américo Monteiro - *Isto é a casa do gaiato*. «O Gaiato», Ano III, nº 54 (23 de março de 1946), p. 3

⁸¹ AGUIAR, Américo Monteiro - *Pão dos Pobres*, 1986, 1:107–8.

⁸² Nascido a 31 de novembro de 1889 no lugar de Pinheiría, Santa Catarina da Serra (concelho e distrito de Leiria), é autor de *Manual Cristão* (1940) e de *O Crucifixo* (1942). Foi prior no concelho de Lousã e depois em Santa Cruz de Coimbra, e prefeito do Seminário Maior. É como que comentando a notícia da sua morte que Padre Américo aprofunda a memória do seu legado (ver adiante nota 83).

⁸³ «[...] nasceu em 7 de Abril de 1861, na vila de Loriga, concelho de Seia, então da diocese de Coimbra [até 1882]. [...] foi ordenado Presbítero em 19 de Outubro de 1884, pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Correia Bastos Pina [...]. Pároco *encomendado* [12-XII-1884] e *colado* [14-VI-1907] do Piódão, concelho de Arganil. Nessa

Coimbra⁸⁴); noutro local, refere inclusive uma oração de petição «pela breve canonização [sic] de Izabel [Elisabeth] Leseur», onde conclui, esclarecendo: «A canonização [sic] é mais para glória da Igreja militante do que propriamente para o indivíduo canonizado [sic]. Quantos santos sem canonização!»⁸⁵.

Outra ideia interessante é a da associação entre “canonização” e “reconhecimento”, sobretudo aplicado à sua Obra. Mais concretamente, para Padre Américo, a Obra da Rua é “canonizada” por aqueles que a visitam e conhecem verdadeiramente:

As Fundadoras das Criaditas dos Pobres. As Mestras com letra grande estiveram na aldeia. Oriundas de famílias ilustres, deixaram um dia a barca

povoação fundou um bom centro de estudos [colégio], que funcionou entre 1886 e 1906. Veio para o Seminário de Coimbra em 1907, pela mão do Vice-Reitor Cónego José Alves Matoso, e aí foi Director Espiritual até 1932. [...] Cónego capitular da Sé de Coimbra, nomeado pelo Bispo D. Manuel Luís, em 5 de janeiro de 1922. Faleceu em 28 de Fevereiro de 1944, com 83 anos, no Seminário de Coimbra» - MENDES, Manuel - *Da Missa Nova do Padre Américo em Coimbra*. «O Gaiato», Ano LXXVI, nº 1968 (17 de agosto de 2019), p. 4. A respeito da figura e legado deste ilustre presbítero conimbricense, ver CARDOSO, A. Brito - *Figuras da Igreja na Diocese de Coimbra: Cónego Manuel Fernandes Nogueira (7-04-1861 - 28-02-1944)*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2006.

⁸⁴ Porque o próprio texto de Padre Américo se nos revela pertinente para a análise aqui em curso, aqui o transcrevemos, embora apenas em parte: «O povo canonizou um santo no cemitério da Conchada, em Coimbra, num dia de chuva do mês de Janeiro de 1947. Lágrimas. Silêncio. Reverência. Tocava-se no caixão piedosamente. Fervorosamente. Morreu um santo: o senhor Cónego Júlio, do Seminário de Coimbra. Dias antes, estive à beira do seu leito, sozinho. Ele mandou-me fechar a porta. Conversámos. Cala-te boca! Vi a Eternidade!. Paroquiu por quinze anos a freguesia de Santa Cruz de Coimbra. De uma vez, fui dar com Ele nos claustros da igreja, abatido do que antes lhe fizeram. “Quinze anos! Quinze mistérios dolorosos!” — disse. Saiu da sua freguesia com seis notas de cem escudos dentro de um envelope. Era todo o seu dinheiro! Eu vi. Eu contei. Seis notas. Chorámos de alegria! A riqueza imensa que Ele amontoava na paróquia, não era da que se fecha em casas-fortes. Não é de guardar. É de dar. Que o digam todos quantos a recebiam enquanto Ele era pastor. Que o digam todos quantos, ao depois, a receberam. E os que a hão-de receber pela vida fora com a leitura dos seus livros. [...] Ele usava quatro letras; quatro iniciais por debaixo do nome. Quem tiver o seu nome escrito, algures, pode verificar: S. C. N. S. — *Sine caritate nihil sum*. Escrevia muitas vezes, com tinta, a verdade que trazia no coração marcada a sangue».- AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*, vol 2, p. 27. IDEM - *Notas da Quinzena*, p. 148-149.

⁸⁵ Cfr. IDEM - *Do que nós necessitamos*. «O Gaiato». Ano IV, nº 86 (14 de junho de 1947), p. 2. Elisabeth Arrighi Leseur nasceu em Paris em 1866, sendo seus pais Antoine e Marie-Laure Arrighi. Ela e seus 4 irmãos foram criados e educados de acordo com os princípios de uma família católica do seu tempo. Curiosamente, foi aos 11 anos de idade que Elisabeth começa a registar no seu diário alguns pensamentos de teor espiritual. Mais tarde, e tendo-se tornado numa mulher de elevada cultura e profundo fervor religioso, cultora das artes, das letras e da filosofia, casou-se com Félix Leseur, médico e jornalista, igualmente culto e figura destacada da sociedade francesa, com quem não partilhava, contudo, dos seus ideias e mundividência cristã-católica. De facto, diante do agnosticismo e mesmo anticlericalismo de seu marido, Elisabeth optou por uma vida de oração e imolação permanente pela conversão de seu esposo. Abnegada e fiel companheira nos eventos sociais onde a presença de Deus lhe parecia obnubilada, chorava muitas vezes em silêncio e oblação a Deus. Além da oração tranquilizava-a a escrita do seu atrás referido *Diário*, anotações que, após a sua morte (a 3 de maio de 1914), revelaram a seu marido o profundo sofrimento que este lhe havia infligido e motivaram a sua tão desejada (por Elisabeth) conversão. Assim, em 1919, Félix entra no noviciado dos Dominicanos, adotando como nome religioso Frei Marie-Albert Leseur. A 8 de julho de 1923, menos de dez anos após a morte de Elisabeth, é ordenado sacerdote e a partir de então torna-se um grande divulgador da obra escrita e testemunho de sua falecida mulher, trabalhando incansavelmente, até à sua morte (1950), pela causa da sua beatificação (ainda em curso). Mais informações em <<http://www.claustrum.com.br/2016/11/28/serva-de-deus-elisabeth-leseur/>> [Consulta realizada em 21/01/2019].

e as redes e seguiram Jesus. Tomaram de renda uma casa pobre, num bairro pobre, e começaram a servir o Pobre com o nome de Creaditas [sic]. Fugiram do seu meio, das suas relações; até os laços de sangue cortaram! Hoje são duas dúzias d'Elas em Coimbra, em Aveiro, em Oliveira do Hospital. Chegaram naquele dia à hora de jantar e sentaram-se para comer. Comer à nossa mesa, da nossa comida, no meio dos nossos rapazes. O Norberto, foi-lhes designar aposentos, serviu-lhes uma chícara de leite por merenda e à ceia, tornou a servi-las, no mesmo sítio do jantar. Elas viram. Elas ouviram. Elas tomaram conta de tudo com olhos e inteligência. Não houve nota; não houve parcela; — nada de que as duas Creaditas [sic] se não tivessem inteirado - foi uma sindicância amorosa. Pois muito bem. A franca apreciação das duas Mestras, é o selo branco do saber. Elas sabem. Elas falaram. Estou contente. A Obra da Rua, está canonizada⁸⁶.

Este breve trecho é esclarecedor, portanto, do interessante significado que o nosso Autor atribui ao conceito de “canonização”. Uma vez mais, ele serve-se de um conceito teológico-canónico muito particular para, de certo modo, o “desmistificar”, enxertando-o num diferente campo de compreensão. Assim, do mesmo modo que são os “santos vivos” que mais lhe “interessam”, é na boca daqueles em quem ele próprio reconhece a presença e ação das verdadeiras virtudes que Padre Américo coloca a “autoridade” para igualmente “canonizar” (aqui, no sentido de tornar modelar, fazer digno de imitação). O (seu) “cânone” aqui subjacente não será, certamente, o que resulta do culminar dos processos (jurídico-canónicos) habituais, mas antes o da comprovação, *in loco e in tempore*, das virtudes (sobretudo as teologais) que exprimem, no seu entender, a verdadeira santidade.

2.2.4. «Maternidade e santidade correm a par, de mãos dadas».⁸⁷

Um elemento deveras “contra-corrente” do seu ideário em torno da santidade é a associação entre esta e a da figura da mulher-mãe. Atente-se nos seguintes textos:

Ao meio-dia o filho responde à sineta e acode. Ela vem por outros caminhos. O refeitório é situado na casa-mãe. Uma escada monumental, em círculo, diz para um espaçoso átrio e este para o refeitório. A dividir, há uma porta envidraçada. É aqui o mirante daquela mãe. Ela trouxe consigo

⁸⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Visitantes ilustres*. «O Gaiato», Ano V, nº 128 (22 de janeiro de 1949) p. 1.

⁸⁷ IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 2, p. 35.

os sentidos mai-lo coração e é com eles e com este que observa. O filho lá está. Entrou com a multidão e tomou à mesa o lugar do costume. Ela distingue-o. Vê os seus passos e gestos. Sente-lhe o bafo. Tantas coisas que àquela hora interessam os visitantes e também a ela o deveriam fazer. A alegria da hora, a indumentária dos serventes, a presença do chefe, o ruído da cozinha — tantas coisas... e ela não. Ela não dá fê. Por detrás e à mesma hora, passam dezenas dos grandes para o seu refeitório; e da mesma sorte, para o seu, dezenas dos mais pequeninos. Ela, a mãe, continua colada aos vidros da porta sem de nada se aperceber. É assim o êxtase dos santos!

Levou muito tempo que ela me visse e eu estava bem pertinho! Mal me viu deixa tudo e fala-me.

— Quem namora?

— O meu filho!

Eu dizia ali bem. Podia fazer parte do êxtase maternal.

Sou guarda do seu tesoiro.

Se o homem animal despreza e bota fora, o espiritual apanha, aproveita, burila e devolve. Sim. Eu podia participar daquele momento maternal⁸⁸.

Ajude os desvalidos no seio das próprias famílias, que isso mesmo é o sentido do quarto Mandamento. Não tiremos às mães o privilégio de o serem nem a ocasião de se santificarem, tratando com amor, como faz esta, filhos doentes em suas próprias casas⁸⁹.

Estamos, pois, muito distantes dos modelos de "santidade feminina" cristã sistematicamente estudados por Jean-Pierre Albert⁹⁰, para quem todo esse universo discursivo é muitas vezes construído com bases hagiográficas masculinas⁹¹. De facto, apenas um olhar distraído poderá considerar estranho que não se encontre aqui ecos de "assomos místicos", nem de «jorros de sangue», «jejuns» ou «bulimias eucarísticas», expressões de «certa desmesura na experiência da dor e do sofrimento, na forma de mortificações e de atos repugnantes visando a degradação física [...] acentuando o carácter heroico da personalidade em causa» e que, assim considerados, simbolizam as «núpcias da mulher, em processo de santificação, com Cristo»⁹². A mulher (mãe) é, aqui, modelo de santidade, sim, mas por outra via, radicalmente diversa: a

⁸⁸ IDEM - *Doutrina*, vol. 3, p. 17.

⁸⁹ IDEM - *Pão dos Pobres*, vol. 1, p. 205-206.

⁹⁰ ALBERT, Jean-Pierre - *Le sang et le ciel. Les saintes mystiques dans le monde chrétien*. [s. l.]: Aubier, 1997.

⁹¹ *Ibidem* - p. 410-13.

⁹² MARQUES, Tiago Pires - «De Corpo e Alma na Margem», p. 149.

da abnegação, a da entrega, a do sacrifício (incruento ou mesmo cruento) em prol da felicidade e bem-estar dos seus filhos. Sendo este (mais) um tema que mereceria outro aprofundamento (histórico-teológico), registre-se, pelo menos, este sublinhado como mais um dos aspetos inovadores desta forma de "pensar a santidade" proposta por Padre Américo.

2.2.5. *A Obra da Rua como espaço-proposta de santidade*

Finalmente, não podemos ignorar que o próprio projeto da "Obra da Rua" por si fundada, aqui entendida enquanto resposta institucional e pedagogicamente organizada aos problemas da pobreza, abandono, delinquência e mendicidade infantis, constitui, em si mesmo, uma plasmação da sua conceção de santidade.

Em primeiro lugar, tal é-nos patenteado pela apresentação que o Autor nos faz daquela que é a identidade desta sua Obra: «Os qualificativos da Obra da Rua são absolutamente adequados. Ela é nacional. Ela é humana. E só depois é que é de Deus. Primeiro o animal, depois o espiritual. Primeiro o homem, depois o santo»⁹³. Não restem dúvidas: nesta hagiografia, a História precede a Eternidade, a Antropologia precede a Hagiologia.

Num segundo momento, são as próprias estruturas da Obra (as suas várias Casas e Abrigos), que são aqui entendidas também no horizonte mais alargado dos efeitos/dinâmicas sociais por elas provocadas nos contextos em que as mesmas se inscrevem e que suscitam, no entender do Autor, espaços hermenêuticos de uma vivência e prefiguração, no já e aqui históricos, de uma dimensão meta-histórica da própria santidade: «A Obra da Rua já é uma comunhão espiritual de que os santos sentem necessidade!»⁹⁴. Com efeito, a hipótese dual de interpretação do termo "santos" deste enunciado, se não clarifica nem concretiza o sentido exato da sua utilização, permite, por sua vez, uma "colagem" entre imanência e transcendência que se revela perfeitamente viável e compreensível no quadro do dinamismo da Incarnação subjacente, em tão grande medida, a toda a *forma mentis* do nosso Autor.

Finalmente, é o seu projeto educativo⁹⁵ a denunciar positivamente o mesmo ideário:

Já tínhamos o hospital; agora, a Capela; as oficinas hão-de vir. Tríptico

⁹³ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Correspondência dos Leitores*. 1ª. ed. Paço de Sousa: Editorial da Casa do Gaíato, 1988, p. 99.

⁹⁴ IDEM - *De como eu fui...*, p. 25.

⁹⁵ MARTINS, Fernando Ferreira - *Obra da Rua. Da criança ao adulto em projeto*, 1ª ed. (Porto: Edições Salesianas, 2016).

*de beleza! A formação completa do Rapaz está aqui. Nós não queremos fazer santos, que isso é unicamente obra da Graça. Nem "santinhos", que é obra de pieguice. Procuramos, sim, obter homens honestos*⁹⁶.

*A gente ensaia, observa e guarda no peito os primeiros voos destas almas, sem esfregar as mãos nem botar foguetes. A Casa do Gaiato não é nenhuma "máquina de fazer santos", como alguém disse por picardia. Nós estamos aqui para fazer frente às realidades. É impossível que todos os nossos dêem tábua; muitos hão-de dar casqueira. É assim nas famílias bem nascidas. Com mais razão nesta, cujo nascimento foi desgraça, e infância aborrecimento. É impossível. [...] Bem sei que não faço santos [...]. Sei o terreno que piso*⁹⁷.

*Justamente hoje, à estação da Missa, preguei o evangelho do dia aos meus rapazes e disse que não tivessem medo da palavra santo. Ser santo. E por aqui adiante, fui-lhes dizendo que em toda a parte, a todo o tempo, qualquer que seja a condição de vida, podemos desejar e abraçar aquele ideal: a cavar as terras, a bater ferro, a picar pedra, a fazer botas, a cortar pano, a advogar causas, a curar enfermos, a dizer missa. Os rapazes escutavam, pasmados*⁹⁸.

O pasmo dos seus rapazes explicava-se pela constatação do «Fraco conceito [que] se faz cá em casa da santidade e dos santos»⁹⁹, certamente semelhante ao dos seus coetâneos mais velhos, que colocavam tal propósito e suas figuras em lugares inacessíveis aos "comuns mortais". Assim, ao propor uma visão mais "horizontal", mais "quotidiana" e mais "tangível" da santidade, Padre Américo incute aos jovens rapazes, e desde tenra idade, esta sua (nova) compreensão do ideal que todos devem (tentar) alcançar. Esta "via da santidade", por ele próprio concretizada em não poucos dos "princípios pedagógicos" estruturantes da sua proposta educativa¹⁰⁰, demonstra, a seu modo, o caráter holístico da sua visão acerca desta problemática.

⁹⁶ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Pão dos Pobres*, vol. 4, p. 204.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 315.

⁹⁸ IDEM - *Do que nós necessitamos*. «O Gaiato», Ano IV, n.º 86 (14 de junho de 1947), p. 2.

⁹⁹ IDEM - *Isto é a Casa do Gaiato*. «O Gaiato», Ano III, n.º 61 (29 de junho de 1946), p. 4.

¹⁰⁰ A este respeito ver, entre outros: LOUREIRO, João Evangelista - *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1963; MARTINS, Ernesto Candéias - *Amor, Meditação e Acção. Pedagogia Social do Padre Américo Monteiro de Aguiar...*; LOUREIRO, João Evangelista - *Um grande educador português do século XX: o Padre Américo e a sua obra pedagógica*. Paço de Sousa: Editorial Casa do Gaiato, 1996.

Em jeito de conclusão

Reconhecendo o carácter provisório e porventura não suficientemente aprofundado de algumas das intuições aqui expostas, talvez seja mais válido, à hora de concluir, e para não repetir o que foi sendo dito, apresentar aquele que nos parece ser o trecho em que de forma mais evidente o Autor aqui eleito parece responder à nossa questão:

Sim, prosseguia eu: Basta-te luz e força. A luz é tudo. Sem essa luz, nada. Eu sou a Luz. Nunca nenhum mortal se atreveu a dizer de si uma coisa tão simples! Essa luz, rapazes. Depois, força. Força para fazer o Bem e força para evitar o Mal. Dois caminhos, duas forças.

Finalmente, para não demorar os ouvintes, então, nem agora, os leitores, esclareci: o santo é o homem que vive na sua vida a Vida de Deus. Vive-a hora a hora a cair e a levantar-se, a prometer e a faltar, que isso é tudo quanto ele pode fazer. O resto, vem de Deus. É bom que todos tomem nota e façam muito caso desta doutrina, por causa da pimponice. Santidade pimpona. Santos pimpões. Cautela.¹⁰¹

Esta é a sua "ideia" de santidade, uma ideia que a sua biografia haveria de tornar "concreta". Com efeito, se nos questionarmos sobre que "tipo de santo" foi/é Padre Américo, teremos que buscar a resposta a essa questão na confluência do seu pensamento com aquela que foi a sua ação. Assim, veremos que Padre Américo foi:

1. um homem-santo verdadeiramente "visionário", precursor de caminhos novos:

Padre Américo não precisa de esperar por um Concílio ou por acontecimentos, ordens e orientações de fora. Ele foi realmente um precursor. Quando o Evangelho é alimento diário e se respira na vida de cada dia, nesse se aprende a viver o Espírito de Cristo, o seu testemunho e o seu modo de agir com todos, com predilecção para com os mais pobres¹⁰².

Em 1997, foi publicado o decreto de validade da Causa de Beatificação do Servo de Deus. Em 2004, foi entregue, na Congregação para as Causas dos Santos, a 'Positio super vita, virtutibus et fama sanctitatis'. [A 12 de

¹⁰¹ AGUIAR, Américo Monteiro de - *Do que nós necessitamos*. «O Gaiato», Ano IV, n.º 86 (14 de junho de 1947), p. 2.

¹⁰² MARCELINO, António Baltasar – *Padre Américo. Precursor do II Concílio do Vaticano*, p. 27.

dezembro de 2019, a Santa Sé publicou o Decreto sobre as virtudes heroicas, momento central no processo de beatificação.] *Já canonizado no coração do povo como 'santo dos pobres', bem merece um lugar próprio no 'Martirólogo Romano'. Porquê? [...] [Porque] "O Padre Américo antecipou-se ao II Concílio do Vaticano, porque o modelo de Jesus Cristo, servo e pobre, estava já gravado no seu coração e a orientar a sua vida. A opção preferencial pelos pobres era, de há muito, a sua opção de vida"*¹⁰³.

*Era "assim" o P.e Américo. Não o desfiguremos. Entreguemo-lo "assim" à História*¹⁰⁴.

2. um homem-santo, "convertido" à causa dos pobres, por quem se "martirizou". Aclamado ainda em vida por aqueles que o conheceram como "santo", se o quiséssemos enquadrar na tipologia da santidade, seja a tradicional¹⁰⁵ (confessores, mártires, papas, doutores, bispos, pastores, virgens e viúvas) ou a popular¹⁰⁶ (jejuadores, conversos, mártires/expiadores), provavelmente teríamos que o inserir no grupo dos "santos conversos". De facto, as "marteladas" de que diz ter sido alvo e que usa como explicação para a sua "mudança de vida" exprimem, a seu modo, a sua "conversão" pela causa dos pobres. Dito de forma lapidar: «[Padre Américo foi um] Homem rico que a meia idade se fez pobre, por amor da Santa Pobreza de Jesus Cristo»¹⁰⁷.

Certamente que esta sua "conversão" não se situa no mesmo plano nem obedece às mesmas dinâmicas espirituais-religiosas (e mesmo vivenciais) de outros seus contemporâneos (a título de exemplo, citem-se os nomes de Gilbert Keith Chesterton, Evelyn Waugh, Edith Stein, Gertrud von Le Fort, Giovanni Papini, Sigrid Undest, José Bergamín, Charles Péguy, Max Jacob, Jacques Maritain, ou Gabriel Marcel¹⁰⁸). Não obstante, é precisamente com alguns deles (sobretudo com Péguy e Maritain) que Padre Américo parece comungar em não poucas linhas do seu pensamento, particularmente no que à santidade diz respeito. Com efeito, com Charles Péguy, Padre Américo comunga da ideia de

¹⁰³ MENDES, Manuel - *Com amor à Igreja - serva e pobre*. In MARCELINO, António Baltasar – *Padre Américo. Precursor do II Concílio do Vaticano*, p. 7-8.

¹⁰⁴ SOARES, Pe. Avelino - «Facetas de uma vida», 4.

¹⁰⁵ Cfr. PELLISTRANDI, Benoît. - *De la "acción de los católicos" a la santidad laical: el historiador frente a la santidad contemporánea*. In *El caminar histórico de la santidad cristiana: de los inicios de la época contemporánea hasta el Concilio Vaticano II*. Navarra: Universidad de Navarra - Servicio de Publicaciones, 2004, p. 34.

¹⁰⁶ Cfr. LOPO, Domingo L. González - *¿Cómo Se Construye La Historia de Un Santo? La Imagen Del Santo y Su Evolución a Través de Los Siglos: El Ejemplo de S. Rosendo de Celanova*. «Lusitania Sacra». II série, nº 28 (2013), p. 29.

¹⁰⁷ ELIAS, Padre - *O pai Américo era assim*, 1ª ed. (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1958), 7.

¹⁰⁸ Cfr. SÁNCHEZ COSTA, Enrique - *Santidad y Mundo en cinco escritores europeos del siglo XX*. «Schrifta Theologica». Vol. 47 (2015), p. 349.

que os santos são, sobretudo, sinónimo de gente humilde (que pode ou não estar nos altares, canonizados ou não); para ambos a santidade tem pouco a ver com "milagres" ou "ações prodigiosas", arrebatamentos místicos ou estigmas... mas antes com a vivência quotidiana e ordinária de um amor a Deus e aos demais¹⁰⁹. Já quanto à confluência com o pensamento de Jacques Maritain, encontramos em Padre Américo a sua ideia de que a santidade é, sobretudo, sinónimo de uma total e radical confiança em Deus: «A Santidade não é algo muito complicado. É simplesmente uma imensa confiança em Deus». Para este autor, a primeira definição de santidade é «o heroísmo do amor»¹¹⁰; não um heroísmo arrebatador, feito de glórias e vitórias retumbantes contra quaisquer inimigos, mas antes um "heroísmo pacífico" e, por consequência, verdadeiramente "revolucionário" («revoltado pacífico», assim se autodefiniu certa vez o próprio Padre Américo¹¹¹...). E, para terminar este breve e conclusivo périplo hermenêutico entre as vidas, obras e ideias de literatos contemporâneos e as de Padre Américo, registre-se ainda duas notas da obra e ideário de outro autor relevante deste período: Georges Bernanos. Para o autor do *Diário de um pároco de aldeia* (publicado em 1936), tal como para Charles Péguy atrás referido, a santidade era concebida como o "heroísmo do quotidiano"¹¹²: é no dia-a-dia que o homem/mulher tem a oportunidade de se "fazer" santo... tal como, mais tarde, em 1962, Sophia de Mello Breyner Andresen haveria de escrever nos seus atrás citados *Contos Exemplares*. Muito interessante para o nosso tema é ainda a defesa que Bernanos faz da "santidade infantil", invocando até exemplos da História/Tradição eclesial (Santa Eulália, Santa Inês, S. Pelayo, São Dióscoro, S. Filipe de Alexandria e os dez mártires infantes, Santa Maria Goreti...). Para este autor, estes são jovens santos que «enchem de alegria a Igreja, encarregada pelo bom Deus de manter no mundo esse espírito de infância, essa ingenuidade, essa frescura»¹¹³, atributos tão densa e vivamente sublinhados (e sublimados) nos escritos de Padre Américo.

Em suma, vemos que o modelo de santidade proposto e "incarnado" por Padre Américo é o da "santidade universal", no sentido de esta ser um desígnio que está ao alcance de todos: basta que cada um se mantenha "de olhos abertos, coração sensível e mãos solícitas" ao sofrimento do próximo (sobretudo o mais pobre, e independentemente das formas sob as quais esta pobreza se possa revelar) e certamente que esta *via crucis* se converterá em *via lucis*, porque

¹⁰⁹ Cfr. *Ibidem*, p. 362.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 363.

¹¹¹ AGUIAR, *Pão dos Pobres*, 1999, 3:97.

¹¹² SÁNCHEZ COSTA, Enrique - *Santidad y Mundo en cinco escritores europeos del siglo XX*. p. 367.

¹¹³ *Ibidem*, p. 368.

iluminada, a partir de dentro, pela radicalidade do Evangelho. Dito com uma nota de humor, tão típica também de Padre Américo, e mesmo desconhecendo se ele terá algum dia lido Bernanos, parece-nos, ainda assim, acertado inferir que subscreveria as palavras deste autor quando escreve: «Ninguém entre nós saberá nunca suficiente teologia para sequer chegar a ser cónego. Mas sabemos o suficiente para chegarmos a ser santos»¹¹⁴.

Artigo recebido em 01/09/2020

Artigo aceite para publicação em 09/12/2020

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 369.